

JOSÉ SARAMAGO E A REPARAÇÃO DO HUMANO: POR UMA LEITURA DIALÉTICA DE *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

JOSÉ SARAMAGO AND THE REPAIR OF THE HUMAN: A DIALECTICAL READING OF *BLINDNESS*

Marilda Beijo Fróes*

Isabela Padilha Papke**

Mateus Roque da Silva***

RESUMO: Este artigo propõe uma leitura crítica do romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, a partir do diálogo entre ética, literatura e crítica social. Considerando o comprometimento autoral de Saramago com causas humanas e sua recepção do pensamento marxiano, analisa-se como o romance articula uma posição ativa do escritor diante das mazelas sociais. A epígrafe “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” é tomada como eixo interpretativo, por antecipar os dilemas éticos do enredo e convocar o leitor à lucidez. A análise se divide em três partes: a epígrafe como denúncia (à luz de Antonio Candido e Gérard Genette); a cegueira como alegoria da degradação social (com base em Eduardo Lourenço); e o romance como convite à ação crítica, evidenciando a dialética entre barbárie e solidariedade. Em síntese, Saramago tensiona os limites entre ver e compreender, propondo uma ética da responsabilidade e do reconhecimento do outro.

PALAVRAS-CHAVE: Dialética, Humano, Cegueira, Autoria, Saramago.

ABSTRACT: This article proposes a critical reading of José Saramago's novel *Blindness* (1995), based on the dialogue between ethics, literature and social criticism. Considering Saramago's authorial commitment to human causes and his reception of Marxist thought, the article analyzes how the novel articulates an active position of the writer in the face of social ills. The epigraph “If you can look, see. If you can see, notice” is taken as an interpretative axis, as it anticipates the ethical dilemmas of the plot and calls the reader to lucidity. The analysis is divided into three parts: the epigraph as a denunciation (in the light of Antonio Candido and Gérard Genette); blindness as an allegory of social degradation (based on Eduardo Lourenço); and the novel as an invitation to critical action, focus on the dialectic between barbarity and solidarity. In synthesis, Saramago strains the boundaries between seeing and understanding, proposing an ethics of responsibility and recognition of the other.

* Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Docente efetiva na área de Letras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus São José do Rio Preto.

** Doutoranda na área de Estudos Literários, na Linha de Pesquisa de Literatura, Sociedade e História da Literatura, no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

*** Doutorando em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

KEYWORDS: Dialectics, Human, *Blindness*, Authorship, Saramago.

*Estamos numa apatia que parece que se tornou congênita
e sinto-me obrigado a dizer o que penso sobre aquilo
que me parece importante.
(José Saramago)*

Considerações iniciais

Entre os diversos elementos que definem a tônica ficcional de José Saramago, o diálogo com a tradição histórica de Portugal e a sua constante preocupação com o humano em face de suas mazelas, certamente se destacam. Há, no horizonte de sua literatura, como bem salienta Eduardo Lourenço (2018), “essa íntima convicção de uma verdade de rosto exclusivamente humano que lhe servirá para invocar, por contraste, a inumanidade ofuscante que caracteriza o tempo da cegueira que nos coube” (Lourenço, 2018, p. 9 - 10).

O conjunto de sua obra é, antes de tudo, um desvelar dialético da matéria humana, compreendida a partir de seu indissociável contexto histórico-social de formação e existência, em um contínuo e áspero movimento de construção e desconstrução. Seu pensamento, diferentemente dos que foram criticados por Karl Marx pela excessiva abstração teórica, é ancorado na materialidade das relações que se estabelecem, em âmbito social, entre o indivíduo e seu semelhante, o indivíduo e a natureza, o indivíduo e a política. Nas palavras do autor português, “ser escritor não é apenas escrever livros, é muito mais uma atitude perante a vida, uma exigência e uma intervenção” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 191).

Diante do cenário sumariamente exposto, o presente artigo objetiva discutir, à luz do romance *Ensaio sobre a cegueira*, originalmente publicado em 1995, a relação entre ética, literatura e crítica social sob a forma do discurso, autoral e estético, de José Saramago. O estudo parte da percepção de que uma série de elementos extradiegéticos e extratextuais, articulados pelo autor por diversos meios (como a epígrafe da obra, retirada do fictício *Livro dos conselhos*,

suas entrevistas e etc.), são fundamentais na compreensão de seu reordenamento ficcional da condição dos seres humanos na sociedade contemporânea.

Seu romance, dividido em dezessete capítulos, se desenvolve em uma ambiência, do ponto de vista temporal e espacial, pouco delimitada. Um homem, que ficamos conhecendo como o “Primeiro cego”, por realmente o ser, em um sinal de trânsito percebe que está cego. A cegueira, que não é negra, como de costume, mergulha o primeiro personagem em uma espécie de névoa branca, ao que tudo indica, altamente contagiosa. O mal-branco se espalha rapidamente pela região. A esfera estatal é acionada, e toma providências: confinar todos os doentes em um hospício abandonado vigiado pelo exército durante todo o tempo. Os guardas, com medo de serem infectados, não se aproximavam dos confinados, limitando-se apenas a entregar comida, respeitando rígidas regras de distanciamento. A primeira parte do romance se restringe, basicamente, aos dilemas desses sujeitos em quarentena. Sem acesso, e quase sem nenhum apoio, do mundo exterior. Em meio a tantos cegos, uma única Mulher não se encontrava nessa condição, mas fingia estar para acompanhar seu marido, e sua escolha a forçaria ver, também com os olhos, toda a brutalidade e violência passíveis ao humano. Nesse cenário ocorrem assassinatos, estupros, fome, abandono, em síntese, a completa animalização dos sujeitos, estendida ao segundo momento da obra, quando conseguem sair do manicômio.

A fim de discutir as nuances apresentadas pelo romance, o artigo se subdividirá em três grandes seções. Na primeira, *Aprendendo a olhar: a epígrafe como denúncia*, estuda-se como a epígrafe, tradicionalmente compreendida como um elemento paratextual de natureza ornamental ou introdutória, revela-se, em determinadas obras, como um recurso de densa carga simbólica e interpretativa. Em *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, a epígrafe é utilizada de maneira singular, atribuindo-lhe um papel estratégico na articulação ética, política e filosófica do romance. A frase “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”, atribuída ao fictício Livro dos Conselhos, não apenas

antecipa os principais dilemas da narrativa, mas convoca o leitor a uma postura ativa diante do texto e da realidade. Ao deslocar a epígrafe de sua função periférica para uma posição central na construção de sentidos, Saramago tensiona os limites entre literatura e crítica social, entre ver e compreender, entre narrar e denunciar.

Após estabelecer esse percurso, passamos à análise da segunda seção: *Aprendendo a ver: a degradação social enquanto espelho da humanidade*. Aqui, discute-se como a obra *Ensaio sobre a cegueira* demonstra uma alegoria perturbadora sobre a fragilidade das instituições sociais, a precariedade e a ruína da humanidade diante de crises extremas. A narrativa ficcional, marcada por uma súbita epidemia de cegueira branca que acomete uma população inteira, funciona como um potente laboratório simbólico no qual se testam os limites da civilidade, da moralidade e da solidariedade. Mais do que descrever uma epidemia, Saramago propõe uma imersão no âmago da existência humana, expondo as múltiplas formas de violência estrutural que atravessam a vida social sob o viés da normalidade. Ao retomar a tensão entre o humano e o inumano, já analisada por Eduardo Lourenço (2018) como um eixo fundamental da obra saramaguiana, propõe-se investigar como a degradação da vida, materializada pela desumanização dos sujeitos e pela omissão do Estado, não apenas ilustra, mas intensifica as contradições de uma sociedade que, mesmo decadente, insiste em preservar os mecanismos de exclusão e opressão.

Por fim, na seção, *Aprendendo a reparar: a dialética enquanto posição humana ativa*, busca-se analisar como o romance investiga os extremos da existência social, partindo da solidariedade ao egoísmo, da civilidade à barbárie, evidenciando que o humano não se restringe a polos fixos, mas emerge justamente da tensão entre eles. Nesse sentido, propõe-se uma leitura da obra sob a ótica da dialética como posição humana ativa, entendendo que a construção de sentido e de humanidade se dá não na fixação de um ideal moral, mas no confronto com a própria ambiguidade do ser. Parte-se do pressuposto de que a cegueira, em Saramago, não é apenas física, mas simbólica e estrutural, refletindo tanto a alienação dos indivíduos em face das instituições quanto a

dificuldade coletiva de enxergar o outro como parte de si. Dessa forma, o romance parece funcionar como um espelho incômodo para a sociedade contemporânea portuguesa e global, pois evidencia que a cegueira maior não é a falta da visão, mas a recusa em ver. Propõe-se, uma interpretação em que a alegoria da cegueira é, por fim, uma convocação à lucidez e à responsabilidade compartilhada pelo mundo.

Aprendendo a olhar: a epígrafe como denúncia

"Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara." Com essa advertência, José Saramago dá início ao seu *Ensaio sobre a cegueira* (1995) inserindo o leitor, desde a epígrafe, em um campo de tensões entre aparência e percepção, entre ver e compreender. Atribuída ao suposto Livro dos Conselhos, obra fictícia criada pelo próprio autor, essa citação condensa uma das questões mais latentes do romance, a ideia de que enxergar não é apenas um ato fisiológico, mas sobretudo um gesto ético, político e existencial. A escolha de uma epígrafe inventada não é apenas uma artimanha literária, mas um dispositivo que antecipa, simbolicamente, os dilemas centrais da narrativa. Apropriando-se das referências teóricas de Antonio Candido (2004) e Gérard Genette (2009), propomos compreender a epígrafe não apenas como limiar textual, mas como enunciação inaugural que orienta a leitura e problematiza os modos de ver ou de não ver em uma sociedade que está cega.

A epígrafe estabelece um convite explícito à tomada de consciência crítica, sugerindo que a simples capacidade de olhar não garante a verdadeira percepção de ver e nem o impacto do reparar, ficando evidente que a carga semântica de cada vocábulo precisa ser analisada com rigor e precisão. O desencadear do ver, do olhar e do reparar encontra um paralelo direto no excerto referente ao Mito da Caverna, do livro VII da República, de Platão, no qual os prisioneiros, acorrentados desde o nascimento, veem apenas sombras projetadas na parede e acreditam que essa é toda a realidade existente.

Somente quando um deles é libertado e forçado a virar o pescoço, a caminhar e a olhar para a luz, inicia-se um processo doloroso, mas necessário, de descoberta da verdade. Assim como Platão indica que o conhecimento exige esforço, movimento e abertura para o novo, Saramago reforça que o ato de olhar exige mais do que apenas olhos, pois requer atenção, interpretação, isto é, ver verdadeiramente, além de responsabilidade e atitude, ou seja, reparar o que foi visto. Ambos os autores, ainda que distantes no tempo, convergem na ideia de que o olhar superficial precisa ser superado por uma visão mais profunda e crítica, capaz de reparar nas estruturas invisíveis que sustentam a realidade e, muitas vezes, perpetuam a ignorância e a injustiça.

A epígrafe do romance conduz o leitor a abandonar o simples olhar passivo em um percurso até uma possível visão reparadora do mundo. Nesse sentido, olhar é somente o primeiro passo, enquanto que o ver implica compreender e o reparar pode ser entendido como transformar, mudar. Essa progressão e desdobramento dos conceitos utilizados na abertura da obra saramaguiana carregam uma proposta de ação, em que não basta presenciar a realidade, mas é preciso, também, assumir uma postura crítica/ativa diante dela e denunciar a indiferença à falta de humanidade, uma das formas de cegueira em que a sociedade contemporânea está envolta.

A indiferença, tão comum nas sociedades modernas, muitas vezes se disfarça de normalidade. Diante da desigualdade, da violência e da negação de direitos, muitos apenas olham, isto é, passam os olhos, mas não veem. Outros até veem, mas não reparam, não se comovem, não questionam, não agem. A metáfora da cegueira, em Saramago, não diz respeito à perda da visão física, mas à recusa de enxergar o outro, de reconhecer a dor alheia e de intervir no curso das injustiças. Nesse contexto, a desesperança surge como consequência direta dessa cegueira coletiva. Quando ninguém mais repara, quando o olhar se torna

apático e o ver se esvazia de sentido, a esperança (que poderia ser mola propulsora de mobilização) também se apaga.

Ao se ler a epígrafe de Saramago, antes de entrar na trama narrativa do romance, parece ser necessário aceitar o convite à lucidez proposto pela epígrafe. E, sobretudo, entender que ver é um ato político e que reparar é uma responsabilidade individual, mas também coletiva de ação. Em tempos marcados pela desinformação, pela polarização e pela banalização do sofrimento, mais do que nunca é preciso reaprender a ver, observar com empatia, com coragem, com indignação que conduza a mudança para resistir à cegueira moral do mundo.

A epígrafe, enquanto elemento paratextual, tem sido objeto de estudo de teóricos da literatura por seu papel estratégico na construção de sentidos. Segundo Antônio Cândido, ela “indica uma chave de leitura ou estabelece uma relação intertextual”, (2004, p. 23) ou seja, mostra ao leitor pistas sobre os temas, o tom e até mesmo o posicionamento ético do texto que introduz. A epígrafe antecipa, orienta e, muitas vezes, tensiona a narrativa, funcionando como uma espécie de limiar interpretativo. Assim, a epígrafe pode cumprir funções variadas: ornamentar, instigar, comentar ou orientar a leitura e funciona como uma espécie de introdução temática e diálogo intertextual com o conteúdo que se seguirá. Além disso, Cândido faz uma distinção entre as epígrafes reais (citadas de outros autores), e as fictícias (criadas pelo próprio autor), como é o caso de Saramago. Essa multiplicidade de formas ressalta o caráter estratégico desse recurso. Embora seja um elemento breve e muitas vezes marginalizado, a epígrafe atua como um ponto chave de significados e dialoga com o texto principal de maneira profunda.

José Saramago explora a epígrafe “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”, não apenas como instrumento que antecipa o tema central do livro, isto é, a repentina cegueira branca que acomete a sociedade, mas indica também, ao

usar o verbo reparar, a clarificação da verdadeira cegueira que é moral e comportamental e não física. A progressão dos verbos (olhar, ver, reparar) funciona como um percurso de progressiva elucidação. Gradativamente, o ato passivo de olhar percorre o trajeto até o despertar crítico para a ação concreta do reparar, do modicar. O olhar superficial é substituído pela visão atenta, e esta, por sua vez, exige a reparação, atribuindo o sentido de prestar atenção, mas também de consertar, de agir no contexto em que se está inserido para que por meio do olhar, ver, reparar se saia da inércia. As palavras iniciais da epígrafe ganham força, funcionando como ecos que ressoam nos acontecimentos que serão descritos ao longo de toda a narrativa.

Como o próprio Saramago declarou em entrevista “Eu sei que, em alguns casos, epígrafes são gratuitas, são adornos. No meu caso, não. Normalmente, as epígrafes que eu uso anunciam o que eu quero dizer”. (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 180). E em se tratando do Ensaio sobre a cegueira, o escritor português afirma que a obra “vem a dizer que nós não estamos, e não estivemos nunca, a formar humanamente as circunstâncias para que estas, humanizadas, formassem um outro tipo de homem” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 180) e complementa que o livro é “é uma espécie de imago mundi, uma imagem do mundo em que vivemos: um mundo de intolerância, de exploração, de crueldade, de indiferença, de cinismo” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 180).

Em tempos de crise ética e de esvaziamento dos vínculos humanos, a literatura surge como um espaço privilegiado para redescobrir o essencial. O Ensaio sobre a cegueira, oferece mais do que uma distopia. A obra propõe uma investigação profunda sobre o que nos define enquanto seres humanos, retirando-nos todas as máscaras sociais. Saramago despe completamente seus personagens por meio da ausência de nomes próprios, sendo identificados apenas por características como, por exemplo, mulher do médico, rapariga dos óculos escuros e isso reforça a ideia de que esses seres não têm identidades prévias e nos faz refletir

sobre aquilo que resta quando todo o resto já não existe, status, aparência e até mesmo da visão. É com base nesse cenário que Saramago comenta: “Há uma personagem [a rapariga de óculos escuros] em meu livro [Ensaio sobre a cegueira] que pronuncia as palavras-chaves: “Dentro de nós há uma coisa que não tem nome” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 180). E indicando um possível caminho acrescenta: “O que precisamos é de procurar e dar um nome a essa coisa: talvez, simplesmente, possamos chamá-la de “humanidade” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 180). A constatação da falta de humanidade presente na sociedade é representada no romance e aparece explicada por Saramago em outra entrevista:

Talvez a história do homem seja um longuíssimo movimento que nos leve à humanização. Talvez não sejamos mais que hipóteses de humanidade e talvez se possa chegar a um dia, e isto é a utopia máxima, em que o ser humano respeite o ser humano. Para chegar a isto se escreveu Ensaio sobre a cegueira, para perguntar a mim mesmo e aos leitores se podemos continuar a viver como estamos vivendo e se não há uma forma mais humana de viver que não seja a crueldade, a tortura e a humilhação, que costuma ser o pão desgraçado de cada dia. (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 181)

115

Foi também a partir de um outro questionamento seguido de uma afirmação que, segundo Saramago, começaram as reflexões para a escrita do romance. “E se nós fossemos todos cegos? (...) Mas nós somos todos cegos!” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 180). Assim, a obra comporta-se como “uma metáfora do mundo onde a razão não é usada racionalmente. É o mundo em que sempre vivemos,” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 180). A metáfora da cegueira da razão, isto é, da razão que deixou de ser racional ocorre quando o ser humano, mesmo dotado de inteligência, age movido pelo medo, pela ganância, pela vaidade ou pelo instinto de sobrevivência, em detrimento da lucidez ética e da empatia.

Dizer que vivemos em um "mundo onde a razão não é usada racionalmente" é expor uma contradição essencial da humanidade. Apesar de sermos seres

racionais por natureza, nem sempre somos racionais por escolha. Historicamente, grandes atrocidades foram cometidas em nome de ideologias que se diziam racionais. A escravidão, os genocídios, os regimes autoritários, os sistemas econômicos que geram miséria. Todas essas atrocidades, em algum momento, foram justificadas por discursos racionais, mas desprovidos de humanidade. No decorrer da narrativa, no momento em que cada personagem perde a visão é como se, automaticamente, perdesse também a aparente razão que possuía. O comportamento dos cegos no manicômio revela a fragilidade das relações sociais, a ausência de vínculos genuínos, o verdadeiro carácter ou falta de carácter de cada ser humano, instaurando-se muito rapidamente uma situação caótica e desumana.

o procedimento criminoso dos cegos opressores, que preferem deixar que se estrague a comida a dá-la a quem dela tão precisado está, pois se é certo que alguns daqueles alimentos podem durar umas semanas sem perder a virtude, outros, em particular os que vêm cozinhados, se não são comidos logo, em pouco tempo estão azedos ou cobertos de bolores, portanto imprestáveis para seres humanos, se estes o são ainda. (Saramago, 1995, p. 128).

116

Em vários momentos, durante a leitura do Ensaio sobre a cegueira, diante de tantos requintes de crueldade que são apresentados, representando a sociedade em que vivemos, é inevitável nos perguntar se ainda somos seres humanos. O mundo retratado na obra é, portanto, um espelho distorcido e doloroso do nosso próprio mundo, demonstrando a ruína da civilização. Diante disso, Saramago aponta a bondade como último refúgio para a dignidade humana.

Acho que a grande revolução, e o livro [Ensaio sobre a cegueira] fala disso, seria a revolução da bondade. Se nós, de um dia para o outro, nos descobríssemos bons, os problemas do mundo estavam resolvidos. Claro que isso nem é uma utopia, é um disparate. Mas a consciência de que isso não acontecerá não nos deve impedir, cada um consigo mesmo, de fazer tudo o que pode para reger-se por princípios éticos. Pelo menos a sua passagem por este mundo não terá sido inútil e, mesmo que não seja extremadamente útil, não terá sido perniciosa. Quando nós olhamos para o estado em que o mundo se encontra, damos-nos conta de que há milhares e milhares de seres humanos que fizeram de sua vida

uma sistemática ação perniciosa contra o resto da humanidade. Nem é preciso dar-lhes nomes. (SARAMAGO, apud AGUILERA, 2010, p. 67)

José Saramago, ao comentar a obra, sugere uma revolução por meio da bondade. Isso parece impossível em um mundo movido por interesses, violência e desigualdade. No entanto, é justamente por parecer ingênua que essa ideia revela seu caráter mais profundo e significativo. Saramago reconhece a impossibilidade concreta dessa revolução acontecer em massa por estar além da utopia, como quem já perdeu a esperança em um despertar coletivo. Ainda assim, ele resgata a importância da ética pessoal, pois mesmo que o mundo não mude, cada pessoa pode e deve tentar viver com bondade. Sugere-se, portanto, uma ética da resistência, da pequena ação significativa de cada um diante do caos. Na sequência ao dizer que “há milhares e milhares de seres humanos que fizeram de sua vida uma sistemática ação perniciosa contra o resto da humanidade”, o autor denuncia a banalização do mal, como também escreveu Hannah Arendt (2018). São pessoas cujas escolhas diárias ou omissões contribuem para o sofrimento coletivo. Salienta que não é preciso nomeá-las; elas estão entre nós, e muitas vezes, dentro de nós, nos momentos em que agimos com egoísmo, indiferença ou crueldade. Assim, explica a concepção de sua obra:

A partir de Ensaio sobre a cegueira, de fato, pode-se dizer que passei a tratar de assuntos muito sérios de uma forma abstrata: considerar um determinado tema mas despindo-o de toda a circunstância social, imediata, histórica, local. Embora uma fábula normalmente contenha uma lição de moral, não é minha intenção com meus livros. Na verdade, diante de determinado tema, eu o trato como se precisasse chegar a uma conclusão para uso próprio. No fundo, são questões que tenho com o mundo, com a sociedade, com a nossa história. Lembre-se que meus temas não se repetem, pois não tenho um plano literário. É como se o mundo me incomodasse no sentido mais profundo e eu, através de um romance ou fábula, o deixasse exposto. (SARAMAGO, apud AGUILERA, 2010, p. 190).

O trecho “No fundo, são questões que tenho com o mundo, com a sociedade, com a nossa história” revela uma concepção de literatura profundamente ética

e compromissada, na qual o ato de escrever emerge como resposta ao desconforto existencial diante do mundo. A escrita, longe de seguir um projeto previamente delineado, nasce de uma inquietação interna, uma espécie de revolta silenciosa contra as estruturas sociais, históricas e culturais que moldam (e limitam) a experiência humana.

Ao afirmar que “meus temas não se repetem”, o autor rejeita a ideia de uma produção literária sistemática, como se sua obra fosse guiada por um plano consciente e previsível. Em vez disso, há aqui a valorização do impulso, da urgência que surge do contato com a realidade e suas contradições. O mundo, portanto, não é apenas cenário para a literatura, mas seu próprio objeto de estímulo. Escrever, nesse contexto, é desvelar, expor, revelar as fissuras da sociedade. Assim mais uma vez Saramago expõe seu processo de escrita:

Em Ensaio sobre a cegueira] do meu ponto de vista [...], no fundo, trata-se da visão como entendimento, como capacidade de compreender. E, ao perder a visão nesse sentido metafórico, o que se está perdendo é a capacidade de compreender. Está se perdendo a capacidade de relacionar-se, de respeitar o outro na sua diferença, seja qual for. E, depois, tudo isto, que já não é só o ser humano individual reconvertido ao que chamamos os puros instintos. É toda uma cidade que retrocede ao instinto, que eu não chamaria de puro, porque o que surge todas as vezes, e o que está a surgir ali, é a violência, a extorsão, a tortura, o domínio de um pelo outro, a exploração. (Saramago, apud Aguilera, 2010, p. 190).

Em reflexão sobre sua obra, o próprio autor afirma que “trata-se da visão como entendimento [...] E, ao perder a visão nesse sentido metafórico, o que se está perdendo é a capacidade de compreender”. A cegueira, nesse contexto, representa não apenas a desorientação física, mas a cegueira moral e política, que impede o sujeito de ver e reconhecer o outro. Como propõe Paul Ricoeur (1990), a ética da alteridade exige o reconhecimento mútuo e a disposição para se deixar afetar pela diferença e isso é algo que se dissolve nas situações de medo e de barbárie que se instalam na narrativa.

Dessa forma, é possível pensar a literatura não como um exercício estético isolado, mas como campo de confronto com a realidade. E é nesse embate incômodo, mas necessário, que a escrita encontra sua potência transformadora. Ao tornar visível o que está oculto ou naturalizado, o escritor se posiciona como aquele que perturba, que desestabiliza, que desvela as mazelas sociais e humanas para repará-las.

Aprendendo a ver: a degradação social enquanto espelho da humanidade

Retomando a tensão, já sumariada por Eduardo Lourenço (2018), da obra de José Saramago - o humano em contraste com o inumano -, passemos a adentrar, nesta seção, à antítese que compõe este desvelar dialético da matéria humana pelo autor português. Após a publicação de *Ensaio sobre a cegueira*, o romance obteve de imediato uma grande repercussão e foi considerado por diversos leitores, especializados ou não, como uma narrativa excessivamente densa e “pesada”, justamente por retratar com tamanha precisão as múltiplas violências perpetradas e, ao mesmo tempo, imputadas pelo e ao próprio humano (Silva, 2011, p. 53). Em entrevista ao New York Times, publicada em 2007, Saramago rebate os seus leitores com as seguintes palavras: “O livro é apenas uma pálida imagem da nossa realidade, as pessoas dizem não suportar a leitura do meu livro, eu respondo com a pergunta: vocês não conseguem ler este livro, mas conseguem viver neste mundo?” (Saramago, 2007, s/p).

Com essas palavras o autor demarca sua consciência de que é com este mundo (extradieético) que sua obra, em última instância, dialoga e, em alguma medida, de onde provém a sua literatura. Saramago, transitando entre os campos da realidade e da ficção, encena os limites da violência imputada aos seres humanos, expondo as violações dos seus direitos, bem como a imposição de duras medidas de um Estado de exceção. Este que, diante de uma grave crise insólita, decide apartar, por meio de um violento confinamento arbitrário, todos aqueles que poderiam significar, em algum nível, uma ameaça ao *status quo*.

Com o avanço da cegueira, é a manutenção da ordem vigente e a proteção da sociedade burguesa que se encontram gravemente ameaçadas, a questão do ser humano, na perspectiva dessas elites dirigentes, mostra-se como algo que se preocupar depois. Essa inversão paradigmática no romance, uma vez que o corpo social é composto por seus integrantes, é diariamente retomada pelo alto-falante dentro da camarata em que se encontram os afetados pelo “mal-branco”, lembrando-os de que o dever de assegurar à ordem é de todos, inclusive dos cidadãos:

A palavra Atenção foi pronunciada três vezes, depois a voz começou, **O Governo lamenta ter sido forçado a exercer energeticamente o que considera ser seu direito e seu dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar**, quando parece verificar-se algo de semelhante a um surto epidêmico de cegueira, provisoriamente designado por mal-branco - e **desejaria poder contar com o civismo e a colaboração de todos os cidadãos para estancar a propagação do contágio [...]**. O Governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que aqueles a quem esta mensagem se dirige assumam também, como cumpridores cidadãos que devem de ser as responsabilidades que lhes competem, pensando que o isolamento em que agora se encontram representará acima de quaisquer outras considerações pessoais, um acto de solidariedade para com o resto da comunidade nacional. Dito isto, pedimos a atenção de todos para as instruções que se seguem, [...] abandonar o edifício sem autorização significará morte imediata, [...] recomenda-se a eleição de responsáveis de camarata, trata-se de uma recomendação, não de uma ordem, os internados organizar-se-ão como melhor entenderem, desde que cumpram as regras anteriores e as que seguidamente continuamos a enunciar, [...] **em caso de incêndio, seja ele fortuito ou intencional, os bombeiros não intervirão, [...] igualmente não deverão os internados contar com nenhum tipo de intervenção do exterior na hipótese de virem a verificar-se doenças entre eles, assim como a ocorrência de desordens ou agressões, [...]** esta comunicação será repetida todos os dias, a esta mesma hora, para conhecimento dos novos ingressados. **O Governo e a Nação esperam que cada um cumpra o seu dever. Boas noites.** (Saramago, 1995, p. 49 - 50, grifo nosso).

A voz enunciativa, revestida do poder institucional, é externa à realidade da camarata e passa a definir, de modo totalmente unilateral, as novas regras do jogo social. Esta voz, que se faz presente como representante d'O Governo, considera que tem o dever, mas também o direito, de proteger por todos os meios a população em momentos de crise, mas, paradoxalmente, não toda a

população, haja vista sua omissão com os que já foram afetados pela cegueira - estes que “não deverão [...] contar com nenhum tipo de intervenção do exterior”, leia-se do Estado e seus aparatos de prevenção e proteção da pessoa humana, como a saúde, a segurança e os primeiros socorros. É o Estado que, portanto, se exime de suas responsabilidades, ao passo que deseja, em contrapartida, “poder contar com o civismo e a colaboração de todos os cidadãos”, na esperança de “que cada um [a exceção dele próprio] cumpra o seu dever” com a nação (Saramago, 1995, p. 50).

Com a chegada de novos cegos, conforme previamente estabelecido, o comunicado se fez ouvir, palavra a palavra, uma outra vez. Ao findar a mensagem, “levantou-se um coro indignado de protestos, Estamos fechados, Vamos morrer aqui todos, Não há direito, Onde estão os médicos que nos tinham prometido, isto era novidade, as autoridades tinham prometido médicos, assistência, talvez mesmo a cura completa” (Saramago, 1995, p. 73). As falas em polvorosas dos múltiplos personagens, pinçadas por um narrador atento à multidão desenganada, são extremamente assertivas, haja vista que, ao constatarem a completa ausência do Estado, compreendem rapidamente, por consequência, a retirada, ou seja, a inaplicabilidade de todos os seus direitos sociais e humanos.

São nesses termos que José Saramago, ao desnudar as faces de uma sociedade que se encontra diante do colapso, aparentemente transfere a responsabilidade do recomeço e do reordenamento aos próprios sujeitos humanos, como afirma a voz exterior: “recomenda-se a eleição de responsáveis de camarata, trata-se de uma recomendação, não de uma ordem, os internados organizar-se-ão como melhor entenderem, desde que cumpram as regras anteriores e as que seguidamente continuamos a enunciar” (Saramago, 1995, p. 50). Há, aqui, a aparente aquisição, ou melhor, concessão da liberdade - “os internados organizar-se-ão como melhor entenderem” - aos ironicamente confinados à camarata, mas que é, no período seguinte, delimitada por uma imposição condicional: “desde que” cumpram-se as diretrizes preestabelecidas e as que se venham a estabelecer.

É dentro desse espaço, sem quem os assista, que a brutalidade humana se (re)instaura por meio da fome, da exploração e do abuso. Os sujeitos, aparentemente livres para se autogovernarem, seguem acorrentados à sociedade que os gestou e que, dentro ou fora da camarata, convive com essas violências e violações da pessoa humana. Os indivíduos comuns, agora confinados e cegos, transformam-se, ao longo da narrativa, em exploradores dos seus semelhantes, abusadores e, não raramente, assassinos (Chauvin, 2019). São vidas que, primeiramente na sociedade civil e depois dentro da camarata, se vêem reduzidas, pelo próprio contexto material, político e histórico, ao seu maior nível de desumanidade.

Tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos, [refletiu a Mulher do médico,] nem nos lembrámos sequer de dizer-nos como nos chamamos, e para quê, para que iriam servir-nos os nomes nenhum cão reconhece outro cão ou se lhe dá a conhecer pelos nomes que lhes foram postos, é pelo cheiro que identifica e se dá a identificar nós aqui somos como uma outra raça de cães, conhecemo-nos pelo ladrar, pelo falar, o rosto, feições, cor dos olhos, da pele, do cabelo, não conta, é como se não existisse, eu ainda vejo, mas até quando (Saramago, 1995, p. 64)

122

É diante desta completa desumanização dos sujeitos, aproximados metaforicamente de uma condição animalesca, que as preocupações externalizadas pela Mulher do Médico, única que carrega o fardo da visão, assumem um forte teor pessimista. A despeito disso, a personagem reclama para si, pelo seu privilégio de ver, o dever de reparar o/no repugnante espaço em que encontra-se imersa. Repara no seu meio quando, por exemplo, ao adentrar à camarata, enxerga, “num armário que estava meio aberto, [...] camisas de força” (Saramago, 1995, p. 47) ou, ainda, quando é impelida a encarar a progressão de tantas misérias imputadas ao humano e repara, ao mesmo tempo, o seu meio quando compreende que não há como presenciar tanta desgraça sem que se faça alguma coisa para mudar a situação vigente. Não há na Mulher do médico, portanto, inércia, ao contrário, é ela que se movimenta diante das situações brutais que se encenam na narrativa, como podemos constatar no excerto seguinte em que muitas de suas companheiras eram massivamente estupradas em troca de comida:

A cama do chefe dos malvados continuava a ser a do fundo da camarata [...]. Ia ser simples matá-lo. Enquanto lentamente avançava pela estreita coxia, a mulher do médico observava os movimentos daquele que não tardaria a matar, como o gozo o fazia inclinar a cabeça para trás, como já parecia estar a oferecer-lhe o pescoço. Devagar, a mulher do médico aproximou-se, rodeou a cama e foi colocar-se por trás dele. A cega continuava no seu trabalho. A mão levantou lentamente a tesoura, as lâminas um pouco separadas para penetrarem como dois punhais. Nesse momento, o último, o cego pareceu dar por uma presença, mas o orgasmo retirara-o do mundo das sensações comuns, privara-o de reflexos, Não chegarás a gozar, pensou a mulher do médico, e fez descer violentamente o braço. A tesoura enterrou-se com toda a força na garganta do cego, girando sobre si mesma lutou contra as cartilagens e os tecidos membranosos, depois furiosamente continuou até ser detida pelas vértebras cervicais. O grito mal se ouviu, podia ser o ronco animal de quem estivesse a ejacular, como a outros já estava sucedendo. e talvez o fosse, na verdade, ao mesmo tempo que um jacto de sangue lhe regava em cheio a cara, a cega recebia na boca a descarga convulsiva do sémen. Foi o grito dela que alarmou os cegos, de gritos tinham experiência de sobra, mas este não era como os outros (Saramago, 1995, p. 185 - 186).

Entre o vermelho e o branco, o sangue e o sémen, Saramago desbanca a perspectiva idealista do sujeito, representada pela figura poética do herói que, ao longo da narrativa, precisa provar o seu caráter elevado. Aqui, por outro lado, temos o desnudamento do humano em face das suas adversidades materiais e que, apesar de tudo, é capaz de agir, em algum nível, com solidariedade. Na ausência de toda civilidade, retornamos à matéria bruta do humano que, de alguma forma, busca alcançar sua redenção. “Não uma redenção religiosa, não poderia sê-lo, tratando-se de José Saramago, mas uma redenção humanista e humanitária, por muito que o próprio autor afirme o oposto, insistindo no seu caráter pessimista” (Arnaut, 2023, p. 60).

O movimento proposto pelo autor português não concebe o humano como sujeito abstrato, descolado de sua vida material, mas ao contrário, pois José Saramago compreende que, como bem destaca Karl Marx em seu *18 de Brumário de Luís Bonaparte*, “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado”, isto é, pelo seu contexto social, material e histórico (Marx, 1968, p. 15). Nas palavras

de Saramago, a tônica de “*Ensaio sobre a cegueira* vem a dizer que nós não estamos, e não estivemos nunca, a formar humanamente as circunstâncias para que estas, humanizadas, formassem um outro tipo de homem. É aonde eu quero chegar” com a escrita desta obra (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 193).

As circunstâncias de existência, pelos desígnios sociais e, por conseguinte, humanos, seguem corroborando com esta ambiência propícia a desumanização. As extremas situações que se desenvolvem no romance, ou seja, o agravamento de uma série de crises da sociedade burguesa, como a saúde, a segurança e a gestão pública, impulsionam os sujeitos a um novo nível de degradação. É a elite dirigente que confina arbitrariamente os que foram afetados pelo mal-branco, são os soldados que atiram no seu próprio povo e são os médicos que, em nível institucional, não amparam os doentes. Dentro da camarata, como uma espécie de microcosmos social, são os próprios cegos que, de modo literal e moral, paulatinamente se afastam de qualquer esperança de solidariedade humana, sujeitando os seus semelhantes à fome, ao medo e ao horror.

Após um grave incêndio na camarata, os cegos sobreviventes conseguem sair, em uma espécie de retorno caótico, de volta à sociedade exterior: “Agarrando-se uns aos outros, depois dispuseram-se em fila, à frente a dos olhos que vêem, logo os que tendo olhos não vêem, a rapariga dos óculos escuros, o velho da venda preta, o rapazinho estrábico, a mulher do primeiro cego, o marido dela, o médico vai no fim” (Saramago, 1995, p. 214). É a Mulher do médico que guia o caminho de seus companheiros rumo à liberdade. Em seu caminho há “lixo por toda a parte” (Saramago, 1995, p. 214), pessoas famintas, sujas e maltrapilhas jogadas à rua, mas que “não [tardaram] a perceber que nós, os cegos, por assim dizer, não temos praticamente nada a que possamos chamar nosso, a não ser o que levamos no corpo” (Saramago, 1995, p. 215), afinal tornaram-se verdadeiramente incapazes de encontrar suas casas ou gerir os seus bens materiais.

A partir desse excerto, Saramago desbanca a concepção de naturalidade da propriedade privada, algo que Karl Marx e Friedrich Engels exaustivamente

discutiram em obras como *O capital* (1919) e *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884), respectivamente. Na ausência de uma série de amarras sociais, cenário em que teoricamente seria propício à revitalização do ser humano, este é capaz de degradar-se ainda mais, afundando-se no egoísmo, nas mesquinhas e na violência. Para vencer a fome, preocupação primeira de qualquer animal, sugere a Mulher do médico,

a solução estaria em viver dentro duma loja de comidas, ao menos enquanto elas durassem não seria preciso sair, Quem o fizesse, [responde um dos cegos do exterior] o mínimo que lhe poderia acontecer era nunca mais ter um minuto de sossego, digo o mínimo porque ouvi falar do caso de uns que o tentaram, fecharam-se, trancaram as portas, mas o que não puderam foi fazer desaparecer o cheiro da comida, juntaram-se fora os que queriam comer, e como os de dentro não abriram, pegou-se fogo à loja, foi remédio santo, eu não vi, contaram-me, de toda a maneira foi remédio santo, que eu saiba ninguém mais se atreveu (Saramago, 1995, p. 2015).

Ao tomar consciência da atual conjuntura do mundo exterior, a Mulher do médico e seu grupo retomam o seu caminho, no qual deparam-se com inúmeras situações que aprofundam a brutalidade e a degradação. Ao final do romance, a cegueira branca inesperadamente desaparece, permitindo que os indivíduos e, por conseguinte, a sociedade retornem ao status pretérito, isto é, a normalidade. Contudo, após passarem todas essas experiências, individuais e coletivas, os sujeitos são, agora, ainda menos humanos.

Aprendendo a reparar: a dialética enquanto posição humana ativa

Ensaio sobre a cegueira se desenvolve por contornos alegóricos, que desnudam as aparências humanas, em um processo que constrói e destrói o indivíduo para revelar que, dentro de dois contrastes, existe uma possibilidade de síntese dialética. O humano não está somente na mulher do médico ou no coletivo dos homens que decidem estuprar as mulheres da camarata para fornecer o básico dos alimentos, não está somente na força coletiva dos cegos do fim da obra e nem muito menos no governo que abandona essa população às traças. Existe um processo de perceber que o humano está nos dois lugares, que na sociedade em que vivemos, lidamos com as duas faces, e na dialética de seus contornos é que conseguimos a síntese do que viriam a ser.

Nessa reflexão, na qual a face humana constitui-se de modo ambíguo, temos uma dupla possibilidade de apreensão da matéria humana, sejam elas: o humano desumanizado, ou seja, que ainda precisa ser reparado, e o humano que, retomando a metáfora platônica da caverna, é capaz de ver, ainda que também possa sempre voltar à cegueira anterior. Este movimento dialético, por sua vez, nos encaminha para a percepção de que o humano não é um conceito sólido, mas, antes disso, mutável, adaptável, suscetível às circunstâncias pelas quais é submetido. Em entrevista a Adriana Cortes, em 25 de fevereiro de 1999, Saramago afirmou que

o homem é um ser que busca. O que caracteriza o ser humano é a necessidade de buscar, e ele busca por diferentes caminhos, que podem ser contraditórios. Não sabemos se encontramos e não sabemos se o que encontramos uma vez é o que estávamos buscando, ou se não é mais necessário buscar depois de ter encontrado algo. Portanto, somos seres de busca. (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 99)

Ou seja, entender o ser humano é não estar estagnado, é não esperar uma resposta precisa. Os contornos voláteis da humanidade em Ensaio sobre a Cegueira são a prova disso. Há um jogo semântico, uma construção alegórica muito bem feita para adornar essas nuances e provocar extensões em seus sentidos.

Miguel Koleff, em *O conceito de alegoria em José Saramago: Uma reflexão Benjaminiana* (2015), faz uma interessante análise do romance **A Caverna**, onde esmiúça o conceito de alegoria na narrativa saramaguiana. Apoiado em Walter Benjamin, vislumbra a alegoria em Saramago enquanto “uma dimensão elocutiva que implica, não só em captar um significado ou interpretar uma sentença, mas sim, realizar uma ação correlativa em função daquela decifração” (Koleff, 2015, p.145).

Uma das interpretações do conceito benjaminiano que Koleff adota, e que se faz útil em nossa análise, é a de observar que a trama alegórica potencializa a percepção dos indivíduos sobre uma realidade. Para ele, o protagonista do romance, Cipriano Algor, encontra-se sozinho com seus próprios desafios, porém

dotado da consciência de que a sua experiência, apesar de constituir-se de um modo individual, pode ser compartilhada.

A parede do fundo da gruta que mumifica seus espectadores não tem a capacidade de devolver o olhar e - por esta razão - clausura o ato comunicativo na mesma projeção. Os prisioneiros não podem desentender-se dela, mas tampouco aprendem de sua força expressiva. Deixam-se arrastar pelas evidências escondendo-se de uma realidade que os faria protagonistas de sua própria história. Os laços que se amarram em torno da cabeça e das pernas lhe garantem submissão e incondicionalidade. Apesar de serem invisíveis, os ligamentos que sustentam os transeuntes, clientes e habitantes do Centro Comercial têm o mesmo efeito e espessura. Contrapostas a estas peças imóveis, o gesto reivindicador de Cipriano ao liberar os bonecos de sua olaria lhes devolve o olhar que perderam ao ficar fixas ao tabuleiro. (Koleff, 2015, p.147)

Do mesmo modo que, se em *A Caverna*, Saramago parafraseia a percepção platônica de que, ao enclausurar os prisioneiros eles perdem sua capacidade comunicativa e de percepção de seu lugar no mundo, e por isso, faz Cipriano Algor reivindicar o olhar humano para suas peças de olaria retirando-as do centro comercial, em *Ensaio sobre a Cegueira*, nosso caso de observação, a Mulher do médico, sabendo ser a única que dentre todos poderia testemunhar toda aquela degradação, torna essa condição um guia dos cegos para uma realidade nova, ao emprestar seus olhos aos que não tem.

Deixem-me passar, vou falar aos soldados, eles não podem deixar-nos morrer assim, os soldados também têm sentimentos. Graças à esperança de que os soldados tivessem de facto sentimentos, pôde abrir-se no aperto um estreito canal, por onde a mulher do médico avançou com dificuldade levando atrás de si os seus. (Saramago, 1995, p.209)

Seguindo a ideia proposta por Koleff (2015), ela encontra-se sozinha, no desafio de compreender o motivo pelo qual só ela não foi atingida pelo mal branco, ao mesmo tempo, que possui consciência de que pode usar esse fenômeno de enxergar o que estava acontecendo para auxiliar os que não poderiam fazer.

No entanto, devemos adicionar a esta interpretação que, ao mesmo tempo que os romances saramaguianos possuem um personagem que encarne um certo estereótipo de esperança, existe um pessimismo que assombra a narrativa, onde mesmo aquele que parece ser a fonte da esperança, é ciente de que são mínimas

as chances de existir uma consciência coletiva da gravidade do problema que se enfrenta e que por isso é longo o trabalho e, ainda incerto, os rumos da situação abordada.

o único milagre que podemos fazer será o de continuar a viver, disse a mulher, amparar a fragilidade da vida um dia após outro dia, como se fosse ela a cega, a que não sabe para onde ir, e talvez assim seja, talvez ela realmente não o saiba, entregou-se às nossas mãos depois de nos ter tornado inteligentes, e a isto a trouxemos, Falas como se também tu estivesses cega, disse a rapariga dos óculos escuros, De uma certa maneira, é verdade, estou cega da vossa cegueira, talvez pudesse começar a ver melhor se fôssemos mais os que veem, Temo que sejas como a testemunha que anda à procura do tribunal aonde a convocou não sabe quem e onde terá de declarar não sabe quê, disse o médico, O tempo está-se a acabar, a podridão alastra, as doenças encontram as portas abertas, a água esgota-se, a comida tornou-se veneno, seria esta a minha primeira declaração, disse a mulher do médico, E a segunda, perguntou a rapariga dos óculos escuros, Abramos os olhos, Não podemos, estamos cegos, disse o médico, É uma grande verdade a que diz que o pior cego foi aquele que não quis ver, Mas eu quero ver, disse a rapariga dos óculos escuros, Não será por isso que verás, a única diferença era que deixarias de ser a pior cega (Saramago, 1995, p. 283-284)

O trecho acima conduz-nos à materialidade de nosso raciocínio. A mulher do médico possui a consciência plena de que, apesar de não vislumbrar um futuro certo, é necessário continuar vivendo com o espírito da mudança e que o cerne da fragilidade a que os indivíduos são expostos não se encontra na cegueira empírica e sim na cegueira psicológica. Por isso, ela não deixaria de ser cega, e sim, somente de ser duplamente cega, o de corpo e mente.

Esse momento, conduz ao final da obra, onde os indivíduos deixam de estar contaminados, voltando a ter todos os cinco sentidos humanos e, mesmo assim, a mulher do médico ainda se preocupa com o que vê, por saber que mesmo em meio aos horrores sofridos, seja entre os contaminados ou pelo descaso do estado, a cidade continuava a mesma, e as pessoas também.

A mulher do médico levantou-se e foi à janela. Olhou para baixo, para a rua coberta de lixo, para as pessoas que gritavam e cantavam. Depois levantou a cabeça para o céu e viu-o todo branco, Chegou a minha vez, pensou. O medo súbito fê-la baixar os olhos. A cidade ainda ali estava. (Saramago, 1995, p. 310)

Este final é assombrosamente interessante e esperto, porque a ficção escorre como água para a realidade, ao tornar o elemento ficcional da cegueira em um elemento real e possível fora da ficção: a inconsciência perante o mundo e a realidade pertencente. Esse olhar catártico da realidade desloca o leitor da obra para um lugar de desconforto por, durante a leitura, ansiar por um alento e se deparar, em seu fim, com o oposto disso. Saramago, em 13 de junho de 1996, em entrevista a Irina Bajini, argumenta sobre a questão:

A cegueira desaparece porque nunca tinha sido uma verdadeira cegueira. As personagens viveram uma experiência em que o uso irracional da razão as conduziu a extremos de violência e de crueldade, semelhantes àqueles que hoje vemos e vivemos no mundo inteiro. O meu romance [Ensaio sobre a cegueira] reflete o horror contemporâneo, não é mais duro do que a realidade que o cerca. Resta perguntar-se — porque no livro não conto — se a experiência vivida pelas minhas personagens as mudou ou não. Eu sou bastante cético, porque penso que os seres humanos não aprendem nada das experiências que fazem. O médico do romance no final lança a hipótese de que as pessoas, na verdade, sempre foram cegas. Denominando, com isso, alguma coisa de similar ao que nos acontece hoje: não vemos quem está ao redor, não estamos em condições de nos ocuparmos das relações com os outros seres humanos. (Saramago apud Aguilera, 2010, p.194)

129

Podemos, talvez, elevar essa alegoria da obra, estender seu sentido, se pensarmos que Saramago, por meio de seus textos, exerce esse papel de lucidez, tal como a mulher do médico guia os indivíduos em seu ensaio. Jean Pierre Chauvin, que em *José Saramago, best-seller e engajamento* (2016), afirma que os romances saramaguianos reposicionam seus leitores “revelando-lhes pensamentos que transitam entre o artifício da palavra e seu poder de intervenção e mudança” (Chauvin, 2016, p.133). No entanto, antes de alcançar um público universal, é preciso considerar que o escritor está inserido em uma realidade específica, moldada por sua experiência histórica e social como cidadão português.

O autor sempre marcou firmemente sua leitura de seu país em comentários na mídia. Em entrevista a Pilar del Río em 11 de outubro de 2008, disse que a imagem mais constante de Portugal que ele tem é a “de alguém que está parado no passeio à espera de que o ajudem a atravessar para o outro lado” (Saramago

apud Aguilera, 2010, p.68), entrando em consonância com o relato da maioria dos pensadores contemporâneos do país.

Boaventura de Sousa Santos, na obra *Portugal: Um ensaio sobre a autoflagelação* (2013), reflete sobre o paradoxo vivido pela sociedade portuguesa ao longo de sua história recente. As promessas de transformação política geraram esperanças que, ao não se realizarem plenamente, acabaram por minar a confiança em mudanças reais. A história portuguesa é marcada por diferentes momentos de uma espera por um momento de renovação do país, que existem desde o desaparecimento de D.Sebastião até o desejo de que as promessas da Revolução dos Cravos tivessem se cumprido de modo mais categórico no país.

Deste modo, Sousa e Santos (2013) afirma que o país se vê dividido entre o desejo de se reinventar e o medo de romper com o passado, preso a um movimento oscilante entre avanço e imobilidade. A percepção social tornou-se marcada por contradições e por uma sensação de estar sempre em transição – um estado suspenso entre diferentes tempos e espaços, onde o futuro é sempre adiado.

Em seu ensaio *Repensar Portugal* (2005), Eduardo Lourenço crê que o cerne da questão está no fato de que Portugal vive um processo de desenraizamento histórico singular, por ser dotado de uma herança de um comportamento contemplativo, que impede um racionalismo teórico-prático dessa condição, que se prossegue enquanto uma contra-imagem de um conhecimento do país, que conduz a uma agressiva apologia para uma visão conservadora e idealizante da realidade de Portugal. Nesse sentido,

nada é mais necessário do que rever, renovar, suspeitar sem tréguas as imagens e os mitos que nelas se encarnam inseparáveis da nossa relação com a pátria que fomos, somos, seremos, e de que essas imagens e mitos são a metalinguagem onde todos os nossos discursos se inscrevem (Lourenço, 2005, p.107).

Por este ângulo, se retornarmos ao *Ensaio sobre a Cegueira*, entendendo sumariamente a história portuguesa, veremos a obra por um ângulo diferente.

Fica mais perceptível os intuitos de Saramago ao retratar, em sua obra, uma sociedade que não enxerga a si mesma, que não vislumbra seu futuro. György Lukács, em sua obra *O Romance Histórico*, afirma que as relações que uma obra tece com seu contexto, não se tratam “do relatar contínuo dos grandes acontecimentos históricos, mas do despertar ficcional dos homens que o protagonizaram” (Lukács, 2015, p. 60).

Em *Ensaio sobre a Cegueira* temos uma realidade distópica, onde existe uma sociedade que passa por eventos dos quais todos os cidadãos do mundo estão suscetíveis a viver, doenças epidêmicas, descaso governamental, violência sexual, tentativas de hierarquia, manipulação de poder, entre outras circunstâncias. Todavia, há por trás da obra a voz de um autor que pensa, crítica e ativamente, o lugar em que vive. Em entrevista à Cristina Gomes, em 14 de junho de 1989, Saramago afirmou:

Os meus livros são escritos para portugueses, sobre portugueses, focando questões que têm a ver com Portugal. E não há aqui nenhum nacionalismo. Apenas exprimo este senhor que sou: um escritor a tentar exprimir uma gente que está aqui. (Saramago apud Aguilera, 2010, p.64)

Ainda que a obra saramaguiana atinja uma universalidade, pois o que acontece em Portugal não lhe é exclusivo, sua motivação de escrita advém de seu território, das vivências que sua realidade lhe propiciou. Talvez, uma hipótese para o raciocínio acerca de *Ensaio sobre a Cegueira* esteja em perceber que, Saramago, em sua obra, atua como a mulher do médico, mas não porque tem os olhos certos e os empresta para que os leitores portugueses se enxerguem, mas porque é consciente da realidade de sua sociedade, pessimista no vislumbre de seu futuro e, contraditoriamente ao esperado, ativo na capacidade de reformá-la.

Considerações finais

Ao longo deste artigo buscamos discutir, conforme se pode observar, as múltiplas possibilidades de se performar a realidade humana pelas vias ficcionais. Por meio de uma série de eventos insólitos, fomos capazes de

acompanhar os dilemas de um cidadão e romancista que, mesmo na posição de onipotente criador, colocou-se propositadamente na condição de aprendiz de seus personagens. Esse autor-aprendiz que, antes de todos, pensou:

“Estamos cegos”, e sentou-se a escrever **Ensaio sobre a cegueira** para recordar a quem o viesse a ler que usamos perversamente a razão quando humilhamos a vida, que a dignidade do ser humano é todos os dias insultada pelos poderosos do nosso mundo, que a mentira universal tomou o lugar das verdades plurais, que o homem deixou de respeitar-se a si mesmo quando perdeu o respeito que devia ao seu semelhante (Saramago, 2013, p. 86 - 87).

“Aonde vai o escritor, vai o cidadão”, repetidamente reiterava o Nobel das letras portuguesas. Cientes dessa relação indissociável, tentou-se lançar luz sobre a potência do seu discurso como meio, e também forma, de se desvelar a dialética relação da matéria humana em face de sua negação. É o jogo das possibilidades de degradação, em virtude das circunstâncias políticas e sociais, que se encontra em cena, mas sem deixar de lado a compreensão de que todas essas nuances são próprias e inseparáveis do humano. A relação dos sujeitos com o seu meio e com os seus semelhantes é vista e, sob múltiplos aspectos, reparada pelos sujeitos envolvidos, certos de que sua condição não é definitiva. A possibilidade de mudança encontra-se no humano, “não se trata de regressar ao individualismo”, afirma Saramago, “mas há que reencontrar o indivíduo. Esse é o nosso grande obstáculo: reencontrar o indivíduo num tempo em que se pretende que ela seja menos do que poderia ser” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 102).

132

Referências

- AGUILERA, Fernando. **As palavras de Saramago**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 13^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- ARNAUT, Ana Paula. Compromisso ético e defesa dos Direitos Humanos na ficção de José Saramago. **Confluenze: Rivista di Studi Iberoamericani**. Vol. XV, N^o. 1, 2023.

- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CHAUVIN, Jean Pierre. Dialética da cegueira. **Revista de Estudos de Cultura**, n. 13, p. 21-38, 2019.
- CHAUVIN, Jean Pierre. José Saramago, best seller e engajamento. **Revista USP**, n. 110, p. 126-134, 2016.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia/SP: Ateliê, 2009, 372 p
- KOLEFF, Miguel Alberto. O conceito de alegoria em José Saramago. Uma reflexão benjaminiana. **Revista de Estudos Saramaguianos**, Brasil-Portugal, n. 2, p. 135-150, 2015.
- LOURENÇO, Eduardo. A mão esquerda de Deus ... In.: VIEL, Ricardo. **Um país levantado em alegria: 20 anos do prêmio Nobel de literatura a José Saramago**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 9 - 10.
- LOURENÇO, Eduardo. Repensar Portugal. In: **O Labirinto da Saudade**. Lisboa: Gradiva., 2005.
- LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Boitempo Editorial, 2015.
- MARX. Karl. **18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Escriba, 1968.
- OLIVEIRA NETO, Pedro Fernandes (et.al). **Peças para um ensaio**. Belo Horizonte, MG: Moinhos, 2020.
- RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014, 438 p.
- SARAMAGO, José. **Da estátua à Pedra e Discurso de Estocolmo**. Belém: Ed. UFPA; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. Companhia das Letras, 1995.
- SILVA, Anderson Pires da. As impurezas do branco: ensaio sobre a cegueira como distopia positiva. Juiz de Fora: **IPOTESI**, v. 15, n. 1, 2011, p. 47 - 55.
- SOUSA SANTOS, Boaventura. **Portugal: Ensaio contra a autoflegelação**. Cortez Editora, 2014.